

A Construção de Movimento Causado no português brasileiro: um estudo inicial baseado em *corpus*

The Caused Motion Construction in Brazilian Portuguese: an initial corpus-based study

*Fernanda Ribeiro**

fernandaribeiro9@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Lilian Vieira Ferrari***

lilianferrari@uol.com.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Diogo Oliveira Ramires Pinheiro****

diogopinheiro@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Neste trabalho, que se baseia na dissertação de mestrado de Ribeiro (2018), buscamos descrever a Construção de Movimento Causado (CMC) no português brasileiro (PB), a partir de um conjunto de 101 ocorrências extraídas do Corpus NILC / São Carlos. A análise propõe que os verbos capazes de instanciar essa construção podem ser organizados em 12 classes semânticas distintas. Com base nessa análise, postulamos a existência de uma rede taxonômica com três níveis hierárquicos inteiramente abertos (isto é, não preenchidos lexicalmente). Nesse sentido, o trabalho preenche lacuna analítica relevante no que se refere à CMC no português brasileiro, tendo em vista que as análises disponíveis focalizam aspectos bastante específicos desse padrão construcional (FERRARI, 2016), ou representam uma porção limitada da rede construcional relevante (FURTADO DA CUNHA, 2017).

PALAVRAS-CHAVE: Construção de Movimento Causado. Português brasileiro. Rede construcional.

ABSTRACT: This study, based on Ribeiro's (2018) MA thesis, focuses on Brazilian Portuguese Caused Motion Construction (BPCMC), analyzing 101 actual instances of this construction extracted from Corpus NILC/São Carlos. The analysis proposes that verbs which instantiate this construction can be organized into 12 semantic classes. We account for this fact by positing a taxonomic network that displays three fully abstract (i. e., lexically unspecific) hierarchical levels. In this vein, this work contributes to deepening our understanding of the BPCMC, given that previous analyses either focus on particular aspects of this symbolic pattern (FERRARI, 2016)

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

** Professora Titular do Departamento de Linguística da UFRJ.

*** Professor Adjunto do Departamento de Linguística da UFRJ.

or represent only a limited portion of the relevant constructional network (FURTADO DA CUNHA, 2017).

KEYWORDS: Caused Motion Construction. Brazilian Portuguese. Constructional network.

Introdução

O paradigma denominado Gramática de Construções (GC) encontra-se hoje estabelecido como o modelo de gramática da Linguística Cognitiva. Surgida a partir dos trabalhos pioneiros de Charles Fillmore, George Lakoff e Paul Kay, produzidos na década de 80, a vertente tem experimentado, sobretudo a partir dos primeiros anos do século XXI, ganho crescente de visibilidade e popularidade.

Tendo em vista o êxito da GC como modelo descritivo e explicativo, este artigo objetiva investigar, sob uma perspectiva construcionista, sentenças com a seguinte configuração:

- (1) Carlos chutou a bola para o gol.
- (2) Maria empurrou o sofá para o canto da sala.
- (3) Eu coloquei o livro na estante.

Aqui, assumiremos que essas três sentenças são manifestações de um padrão sintático-semântico comum, a ser referido como Construção de Movimento Causado (CMC). Em uma observação preliminar, é possível notar que se trata de um padrão triargumental, cuja forma é [SUJ [V OBJ OBL]] e cujo significado pode ser capturado por meio da fórmula X CAUSAR Y A MOVER-SE Z – isto é, trata-se de designar um evento de movimento no qual uma entidade é deslocada até um alvo por meio da ação disparada por um causador.

No âmbito da GC, o primeiro estudo da CMC foi a análise de Goldberg (1995) para o padrão de movimento causado do inglês, então denominado “Caused Motion Construction”. Para o português brasileiro, análises desse padrão ainda são escassas e, sobretudo, parciais. Ferrari (2016), por exemplo, focaliza especificamente o fato de que a CMC pode fundamentar uma projeção interdominial nos termos da metáfora do conduto (REDDY, 1979), como em *Ele colocou palavras na minha boca*. Furtado da Cunha (2017), por sua vez, desenvolve uma análise ainda preliminar, restringindo-se a 18 verbos e distribuindo-os por três classes

semânticas. A própria autora reconhece, no entanto, que diversas instanciações “plausíveis” não apareceram nos dados, situação que poderia vir a ser alterada com uma “ampliação do material de análise” (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 123).

Diante desse cenário, este trabalho, que se baseia na dissertação de mestrado de Ribeiro (2018), busca oferecer uma descrição mais abrangente da CMC do português brasileiro, com base na análise de dados linguísticos reais. Em termos mais específicos, nossos objetivos são: (i) delinear a rede construcional da CMC; e (ii) sistematizar as relações observadas em cada nó dessa rede.

Para tanto, o presente artigo encontra-se dividido em três seções principais. Na primeira, apresentamos uma visão geral da Gramática de Construções, o tratamento goldbergiano para a Construção de Movimento Causado do inglês (GOLDBERG, 1995) e algumas críticas dirigidas a esse tratamento; na segunda, descrevemos os procedimentos metodológicos norteadores deste trabalho; na sequência, ocupamo-nos da análise dos dados coletados e da sistematização da nossa proposta descritiva. Para encerrar o artigo, tecem-se as considerações finais.

1 Gramática de Construções e Construção de Movimento Causado

A GC é um modelo de representação do conhecimento linguístico que ganhou força nos anos 1980, na Universidade da Califórnia, *campus* de Berkeley, através do trabalho seminal, principalmente, de Charles Fillmore, George Lakoff e Paul Kay. Em sua maioria oriundos da tradição gerativista, esses linguistas mostraram uma inquietação crescente para com a ênfase dada à separação estrita entre léxico (entendido como lugar da irregularidade e improdutividade) e gramática (onde estaria situada a regularidade e produtividade).

É apenas nos anos 1990, contudo, que a GC recebe o impulso definitivo para ser estendida em direção à chamada “core grammar”. Em grande medida, isso se deve à publicação de *Constructions* (GOLDBERG, 1995), obra que se debruça sobre as Construções de Estrutura Argumental do inglês. Nessa obra, é possível encontrar o estudo seminal, no âmbito da CG, sobre a CMC do inglês. É desse estudo – bem como das críticas a ele – que tratamos no restante desta seção.

1.1 A CMC do inglês: a proposta de Goldberg (1995)

ACMC do inglês foi descrita por Goldberg (1995) como um padrão trivalente com estrutura [SUJ [V OBJ OBL]] com verbo não-estativo. A construção apresenta a semântica X CAUSAR Y A MOVER-SEZ, expressando o deslocamento da entidade designada pelo objeto para o local designado pelo oblíquo. Exemplos da CMC prototípica descrita por Goldberg (1995) podem ser vistos a seguir:

(4) Joe kicked the dog into the bathroom.

(5) Fred stuffed the papers in the envelope.

Nos termos de Goldberg (1995), a CMC – como todas as construções de estrutura argumental – é constituída por papéis argumentais, *slots* que definem papéis semânticos relativamente abrangentes e se vinculam às relações gramaticais. Assim, nessa construção, a relação de SUJEITO se liga ao papel CAUSA, a relação de OBJETO se liga ao papel TEMA e a relação de OBLÍQUO se liga ao papel ALVO.

No modelo de Goldberg (1995), os papéis argumentais devem ser claramente distinguidos dos papéis participantes – estes últimos, vinculados aos frames de verbos particulares. Assim, um verbo como “kick”, presente em (4), irá prever dois papéis participantes: o “chutador” e a coisa chutada. Desse modo, uma sentença como (4) resulta da fusão dos papéis argumentais do verbo e da construção abstrata (“chutador” se funde a causador, e coisa chutada se funde a tema); além disso, no caso de (4), há ainda um terceiro argumento – correspondente ao alvo – que decorre unicamente da construção abstrata, dado que, nesse caso, o verbo é biargumental.

Embora o significado da CMC possa ser capturado por meio da fórmula X CAUSAR Y A MOVER-SE Z, Goldberg (1995) reconhece que o padrão é polissêmico, de maneira tal que ligeiras modulações desse significado básico dão origem a um conjunto de acepções relacionadas para o mesmo padrão construcional. Para dar conta desse fenômeno, que se revela recorrente nas Construções de Estrutura Argumental investigadas por ela, a autora postula a existência de “links de polissemia”, capazes de relacionar o sentido básico de cada Construção de Estrutura Argumental a suas extensões polissêmicas.

Aplicando essa proposta à CMC do inglês, a autora sugere que o sentido central, capturado pela fórmula X CAUSAR Y A MOVER-SE Z (por exemplo) vincula-se, por meio de links de polissemia, às seguintes extensões polissêmicas da

construção: (i) Condições de satisfação acarretam X CAUSA Y A MOVER-SE Z, que inclui verbos de dinâmica de forças que denotam um ato comunicativo (como em *Sam sent him to the market*); (ii) X PERMITE Y MOVER-SE Z, que inclui verbos de dinâmica de forças que remetem à remoção de uma barreira, o que permite o movimento (como em *Sam allowed Bob into the room*); (iii) X IMPEDE Y DE MOVER-SE Z, que inclui verbos de dinâmica de forças que se referem à imposição de uma barreira, o que impede o movimento (como em *Harry locked Joe into the bathroom*); e (iv) X AJUDA Y A MOVER-SE Z, em que a assistência que X presta a Y permite seu movimento até Z (como em *Sam helped him into the car*).

A rede polissêmica associada à CMC é organizada em termos de relações metonímicas¹ de parte-todo, em que [SUJ[V OBJ OBL]] pode figurar em variados contextos, sempre, como se viu acima, associando-se ao sentido básico da CMC ao assegurar a semântica de deslocamento do tema até um alvo causado por uma força externa.

Embora o estudo de Goldberg (1995) seja altamente influente e tenha dado um impulso definitivo para a popularização da GC, ele não ficou, é claro, imune a críticas. Algumas dessas críticas são discutidas na próxima seção.

1.2 Da polissemia à hierarquia construcional: a proposta de Croft (2012)

Croft (2012, cap. 9) apresenta uma série de críticas ao tratamento goldbergiano (GOLDBERG, 1995) das Construções de Estrutura Argumental. Para nós, porém, a única crítica diretamente relevante diz respeito à proposta goldbergiana dos “links de polissemia”.

Em relação a esse ponto, a principal observação de Croft (2012) é a de que a suposta “polissemia construcional” a que Goldberg se refere não se constitui como um caso de polissemia verdadeira. Para ilustrar esse ponto, ele toma como exemplo a análise goldbergiana da Construção Bitransitiva (CB) do inglês. Segundo a autora, a CB do inglês apresenta, para além do sentido central (X FAZER Y RECEBER Z), um conjunto de extensões polissêmicas, dentre as quais se incluem, por exemplo, a **transferência pretendida** (*John baked Sally a cake*) e a **transferência impedida**

¹Embora essa visão não esteja mencionada em Goldberg (1995), encontramos-la em Hilpert (2014, p. 60): “It is useful to think of polysemy links as metonymic relations, that is, relations between a whole scenario and parts of that scenario.”

(*Sally refused him a kiss*). O problema, argumenta Croft, é que, se estivéssemos aqui diante de um caso real polissemia, quaisquer verbos deveriam ser capazes de produzir, quando instanciados na CB, qualquer uma das interpretações disponíveis para esse padrão construcional (com a única exigência de que se tratasse de uma interpretação plausível dado o nosso conhecimento de mundo). Isso, porém, claramente não ocorre: por exemplo, é impossível atribuir a *I brought him the cake* a interpretação de transferência pretendida, assim como é impossível atribuir a *I kicked him the ball* a interpretação de transferência impedida².

Para Croft (2012), o fato de que as diferentes acepções estão vinculadas a conjuntos particulares de verbos é evidência de que não se está diante de um único padrão abstrato altamente polissêmico, como queria Goldberg (1995). Em vez disso, argumenta o autor, deve-se postular que cada extensão polissêmica de Goldberg (1995) corresponde, na verdade, a uma subconstrução, que estaria subordinada – num modelo de rede hierárquica / taxonômica – à construção mais geral. Dado que essas subconstruções são definidas, como se disse, a partir de conjuntos de verbos semanticamente próximos, elas são rotuladas por Croft como “verb-class-specific constructions”³.

A proposta de rede hierárquica de Croft (2012), em que as extensões polissêmicas de Goldberg (1995) são tratadas como níveis construcionais intermediários em uma estrutura taxonômica, é inteiramente convergente com todas as variantes contemporâneas da Gramática de Construções de inclinação funcional-cognitiva (a GC Radical, a Gramática Cognitiva langackeriana, etc.). Em última instância, trata-se de assumir que a rede construcional é construída pelo falante de baixo para cima, por meio de um processo de abstratização/esquemática progressiva. Nesse processo, um dos níveis – quando se trata de Construção de

² Reforçamos que essas sentenças estão sendo tratadas aqui como instâncias da Construção Bitransitiva (CB), e não da Construção de Movimento Causado (CMC). Esse tratamento é motivado pelo fato de que em “*I brought him the cake*” e “*I kicked him the ball*”, o pronome “him” tem relação gramatical de objeto direto, e não de oblíquo. Como, de acordo com Goldberg (1995, p. 89-91), não é a CB que pode ser motivada por metáfora a partir da CMC, e sim a paráfrase com “to” (“*I brought the cake to him*”) denominada Construção de Movimento Causado por Transferência (“Transfer-Caused-Motion Construction”), não enfocamos aqui aspectos metafóricos associados à CB, mas apenas a questão da metonímia associada à polissemia, nos moldes propostos por Hilpert (2014).

³ Evidentemente, a estrutura da rede hierárquica não precisa parar por aí. Croft (2012) assume, por exemplo, a possibilidade de se postular “verb-specific constructions” abaixo das “verb-class specific constructions” e, mesmo abaixo das “verb-specific constructions”, “verb-and-object specific constructions”. Esses níveis não são, contudo, diretamente relevantes para este trabalho.

Estrutura Argumental – é aquele em que a construção não é especificada para um verbo particular, mas para uma classe semântica verbal.

Na descrição empreendida neste trabalho, será adotada a proposta de Croft (2012), em consonância com o princípio construcionista de que a representação deve ser feita como uma rede hierárquica de construções – das mais abertas/abstratas às mais concretas/fechadas. Por isso, não falaremos aqui em “links de polissemia”, mas em sub-esquemas construcionais de nível intermediário definidos em termos de classes semânticas⁴.

2 Procedimentos metodológicos

A fim de contribuir para uma descrição mais abrangente da CMC do português brasileiro, optamos por analisar usos linguísticos reais extraídos do *corpus* NILC/São Carlos⁵. Atualmente, esse *corpus* contém aproximadamente 24 milhões de palavras e abriga textos oriundos de diversos domínios discursivos, como o jornalístico, o didático e o epistolar, além de redações de alunos.

As razões que levaram à adoção desse banco de dados para a pesquisa foram a dinamicidade e praticidade oferecidas para a coleta de dados. Para a pesquisa no *corpus*, são disponibilizados diferentes comandos para a busca de categorias gramaticais. Isso viabilizou a busca da sintaxe da CMC através da construção de dois comandos os quais asseguraram a identificação de diferentes verbos e suas flexões modo-temporais e número-pessoais; a saber: [pos="N.*"] [pos="V(_.*)*"] [pos="N.*"][pos="PRP.*"] e [pos="*.PERS.*"] [pos="V(_.*)*"] [pos="N.*"][pos="PRP.*"]

Como pode ser observado, ambos os comandos diferenciam-se no tocante à expressão de procura da categoria representativa do sujeito da CMC. Uma vez que essa posição pode ser nucleada tanto por nomes quanto por pronomes pessoais, houve a necessidade se de montarem dois comandos, assegurando a identificação de um número cada vez maior de ocorrências. Assim, o comando [pos="N.*"]

⁴ Um parecerista anônimo apontou que as duas propostas não são necessariamente excludentes. Concordamos em linhas gerais com essa observação. No entanto, ressaltamos que, nesta seção, estamos apresentando a proposta de Croft (2012), que defende, explicitamente, a ideia de que os casos de polissemia descritos por Goldberg (1995) para dar conta da CB não constituem, de fato, casos de polissemia: “a variação de significado da construção bitransitiva não parece ser uma polissemia real” (CROFT, 2012, p.376).

⁵ O *corpus* pode ser acessado em <http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>.

permitiu que se encontrassem CMCs com um causador nominal, ao passo que o causador pronominal foi identificado nos dados sob o mecanismo de busca contendo [pos=".*PERS.*"].

Através da pesquisa realizada no corpus NILC/São Carlos, encontrou-se um total de 101 instâncias da CMC no PB, distribuídas em 29 verbos: “acrescentar”, “agregar”, “aplicar”, “arremessar”, “atirar”, “colocar”, “condenar”, “conduzir”, “depositar”, “encaixar”, “enviar”, “fixar”, “grudar”, “implantar”, “incluir”, “injetar”, “introduzir”, “jogar”, “lançar”, “levar”, “mergulhar”, “meter”, “nomear”, “pôr”, “projetar”, “publicar”, “puxar”, “semear” e “trazer”.

O passo seguinte foi analisar qualitativamente cada instância encontrada a fim de categorizar os verbos em classes semânticas, o que poderia conduzir, então, à postulação de “verb-class specific constructions” (CROFT, 2012; cf. seção 1.2). Nessa análise, como se verá na próxima seção, levamos em conta o fato de que os usos de cada verbo poderiam ser literais ou figurativos (metafóricos e/ou metonímicos).

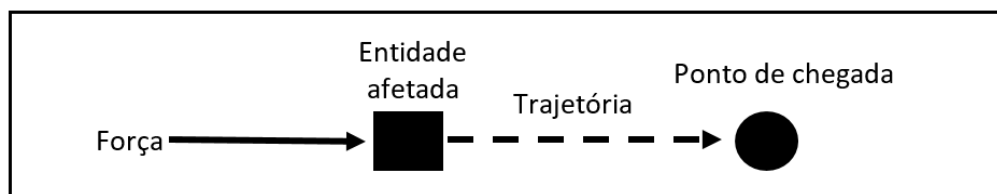
3 Descrição da CMC do português brasileiro

Nesta seção, será apresentada a rede construcional relativa à família de construções de movimento causado do português brasileiro, com base na análise dos dados coletados no *corpus* NILC/São Carlos. A rede não se apresentará em sua totalidade inicialmente, em benefício da análise de suas partes com o detalhamento dos exemplos de CMC encontrados. Após a atenção voltada para cada componente da rede conectada por links taxonômicos e horizontais, o artigo será finalizado com a sua exposição global, seguida de considerações adicionais.

A construção mais abstrata – isto é, aquela situada no nível mais alto da rede taxonômica – corresponde ao nível postulado por Goldberg (1995): X CAUSA Y A MOVER-SE Z. Nesse esquema altamente genérico, especifica-se a atuação do causador sobre o tema, a qual é responsável pelo deslocamento deste até determinado local. Este primeiro nível da rede construcional é mostrado na Figura 1, a seguir. A semântica dessa construção geral é sustentada pelo esquema imagético de IMPOSIÇÃO (“compulsion”), conforme Johnson (1987, p. 45), o que está em conformidade com a Hipótese de Codificação de Cenas (“Scene Encoding Hypothesis”) de Goldberg (1995), segundo a qual construções de estrutura

argumental expressam cenas básicas da experiência humana. O esquema imagético de IMPOSIÇÃO é composto por quatro elementos: uma força exercida sobre uma entidade; a entidade que é afetada pela força e, em consequência, sofre deslocamento; a trajetória percorrida pela entidade; e ponto de chegada da trajetória. Visualmente, ele pode ser representado assim⁶:

Figura 1: Esquema imagético de IMPOSIÇÃO



Adaptado de Johnson (1987, p. 45)

Para além desse nível mais abstrato, a análise dos dados permitiu que se estabelecesse um nível ligeiramente menos esquemático no qual a semântica da CMC geral sofre uma especificação. Em particular, foi possível postular dois subesquemas, cuja diferença, do ponto de vista formal, diz respeito à preposição especificada como núcleo do sintagma preposicional: “em” em um caso (por exemplo, “Ele chutou a bola no gol”) e “a” ou “para” no outro (por exemplo, “Ele chutou a bola para o gol”). Com efeito, ambas as preposições aparecem nos dados coletados:

(6) Polícia põe carros sem motor nas ruas de SP.

(7) Além de relatórios com desenhos sobre tática, **eles trarão vídeos dos jogos para os EUA**⁷.

Do ponto de vista semântico, propomos que a diferença formal ilustrada acima está associada a uma diferença de “construal” (LANGACKER, 2008): no primeiro caso, perfila-se, no esquema imagético, o ponto de chegada; no segundo, perfila-se o percurso. Essa diferença de perfilamento, além de estar em linha com o que já foi proposta na literatura cognitivista sobre construções locativas e direcionais

⁶ A representação de Johnson é menos detalhada, mas a descrição verbal do esquema deixa claro que se trata do cenário aqui representado na Figura 1.

⁷ Nos exemplos retirados do *corpus*, as sequências relevantes serão destacadas em negrito. A ausência do destaque indica que a totalidade do dado constitui uma sequência relevante.

no PB (ARAÚJO, 2009), permite explicar as diferenças de acarretamento entre sentenças como “Ele chutou a bola no gol” e “Ele chutou a bola para o gol” (para repetir os exemplos acima): enquanto a primeira acarreta que a bola alcançou o espaço delimitado pelas traves, a segunda não produz o mesmo acarretamento.

Ao mesmo tempo, é notável que tanto sentenças trivalentes de deslocamento com “em” e com “a” / “para”, como (6) e (7), conformam-se à semântica geral da CMC, tal como definida acima: X CAUSAR Y MOVER-SE Z. Por essa razão, não parece produtivo assumir que apenas um tipo de preposição – a inerentemente estativa “em” ou as inerentemente direcionais “a” e “para” – participa de instâncias da CMC. Em vez disso, sugerimos que cada tipo de preposição constitui um subesquema construcional, e que ambos os subesquemas estão ligados à construção mais abstrata.

Dessa maneira, o cenário que se tem até aqui é o que segue. A construção mais alta veicula a semântica de movimento causado e é não-marcada quanto à preposição (do ponto de vista da forma) e quanto ao “construal” (do ponto de vista do significado). Ligados a essa construção, estão dois subesquemas, que se caracterizam por ser mais específicos tanto semanticamente (por especificar um tipo de perfilamento (sobre o percurso ou sobre o ponto de chegada) quanto formalmente (por especificar um tipo de preposição – a estativa “em” ou as direcionais “a” e “para”).

Após o estabelecimento dos dois níveis mais altos da rede construcional de movimento causado, as seções 3.1 e 3.2, a seguir, serão responsáveis por detalhar as construções intermediárias com “em” e “para” / “a”, respectivamente.

3.1 Detalhamento de “X causa Y a mover-se em Z”

Assumimos que, abaixo do subesquema com “em”, encontra-se, na rede da CMC, o nível das chamadas “verb-class specific constructions” (CROFT, 2012). A análise de dados evidenciou que diferentes verbos encontravam-se inseridos em ambientes construcionais de movimento causado cujos cenários de transferência apresentavam especificações, mostrando-se bastante variados. A partir disso, realizamos a distribuição e categorização dos verbos em diferentes classes semânticas. Essa proposta, que é uma das contribuições do presente artigo, leva em conta a natureza da transferência realizada, a partir de uma análise qualitativo-

interpretativa dos dados, como tipicamente se faz na literatura da área (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2012; dentre outros). Nesse sentido, avaliamos a distância ou proximidade semântica entre os processos indicados pelos verbos, bem como fatores semânticos adicionais associados ao esquema imagético de IMPOSIÇÃO (exs. presença de instrumento, dimensão ao alvo, etc.)

Em face disso, esta seção se ocupará do detalhamento de dez tipos de transferência dentro da CMC, apontados com base nos verbos presentes nos dados coletados, a saber, **transferência neutra, transferência com instrumento, transferência com acréscimo, transferência para alvo tridimensional, transferência para alvo tridimensional + força, transferência para alvo massivo, transferência por reprodução, transferência com difusão, transferência com fixação e transferência com movimento balístico.**

3.1.1 Transferência neutra

Os itens “colocar” e “pôr” foram os verbos encontrados com esse tipo de transferência, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(8) Um homem colocou flores com uma bomba no altar-mor da antiga basílica.

(9) Eu pus ouro em suas mãos.

Observaram-se, nesse caso, usos metonímicos (como (10)) e metafóricos (como (11)):

(10) Polícia põe carros sem motor nas ruas de SP.

(11) A legislação proíbe que **candidatos coloquem declarações de apoio nos programas eleitorais.**

3.1.2 Transferência com instrumento

Os verbos “aplicar” e “injetar” foram agrupados na classe semântica “Transferência com instrumento”. No caso de “aplicar”, observam-se apenas usos literais, como (12).

(12) O médico aplica anestésicos na região de aplicação.

Para o verbo “injetar”, apresentaram-se CMCs com usos metonímicos e metafóricos, conforme os exemplos abaixo, respectivamente:

(13) A símia, porém, é cobaia de um experimento **que lhe injeta tecido de cérebro humano** para aumentar a inteligência.

(14) **Os fabricantes** tiveram acesso à pesquisa, e **injetaram milhões de dólares nela**.

3.1.3 Transferência com acréscimo

Desse tipo de transferência, participaram “acrescentar”, “agregar”, “incluir” e “implantar”. Apenas o verbo “implantar” apresentou uso literal:

(15) A Justiça de Indiana (Meio-Oeste dos Eua) permitiu a Cynthia Hess que deduzisse do seu imposto de renda o valor da cirurgia em que **ela implantou silicone nos seios**.

“Acrescentar”, “agregar” e “incluir” compareceram apenas em usos metafóricos:

(16) Ele acrescentou profissionalismo às apresentações de bossa-nova

(17) O lanche servido no avião agrega valor ao processo.

(18) «Grandes eventos atraem muita gente de outras cidades e **elas incluem compras no programa**», diz Eduardo Nishi

3.1.4 Transferência para alvo tridimensional

Os verbos “depositar”, “introduzir” e “encaixar” denotam uma transferência para alvo tridimensional dentro da CMC. Para o primeiro verbo, encontrou-se uma ocorrência de CMC nos dados, com seu uso literal:

(19) Vestidas de branco, as «**Mães de Acari**» [...] e **mães de crianças desaparecidas da zona oeste depositaram flores na porta do quartel, guarnecido por nove policiais.**⁸

Observaram-se também usos metonímicos e metafóricos para “introduzir” e “encaixar”, respectivamente:

(20) Não há possibilidade de o **Congresso introduzir déficit no Orçamento.**

(21) Em *Sacred fire*, **você encaixa trechos de Villa-Lobos em solos.**

3.1.5 Transferência para alvo tridimensional + força

Com esse tipo de transferência dentro da CMC, os dados revelaram apenas o verbo “meter”, com uso literal:

(22) Goiano Doido meteu uma faca numa criancinha

Além de denotar transferência para alvo tridimensional, em consonância com a análise anterior, tem-se incluída no *frame* do verbo “meter” uma força acentuada, a qual assegura o deslocamento do objeto até o alvo.

3.1.6 Transferência para alvo massivo

O verbo “mergulhar” foi encontrado em apenas uma instância de CMC, revelando um uso metafórico:

(23) O aumento explosivo dos nascimentos ilegítimos desde 1960 mergulhou milhões de pessoas em pobreza material e dependência moral.

⁸ Uma observação acerca de (19): as mulheres não depositaram as flores *dentro* da porta, mas, sim, no chão, na região em frente à porta – nesse caso, portanto, o contêiner não se qualifica de fato como um alvo tridimensional. Aqui, o uso do verbo “depositar” parece se justificar pela projeção de uma propriedade desse tipo de ato de colocação (o cuidado, o cálculo) para um tipo de colocação que não é literalmente um ato de depósito. Depositar algo implica um ato de alguma maneira cuidadoso, calculado, e é esse traço semântico que figura no exemplo – o qual já parece constituir uma extensão de sentido que, ironicamente, dispensa a necessidade do alvo tridimensional.

Embora também expresse transferência para local tridimensional, o verbo mergulhar ativa o *frame* em que o alvo para o qual o deslocamento ocorre tem de ser massivo (água, lama, areia etc.), envolvendo total ou parcialmente aquilo que for inserido nele. Por essa razão, inserimos “mergulhar” em uma classe à parte.

3.1.7 Transferência por reprodução

A transferência que tratamos aqui como “reprodução” é aquela na qual se entende que o objeto precisa ser duplicado de modo a chegar ao alvo. Para esse tipo de transferência, os dados revelaram os verbos “publicar” e “projetar”:

(24) Ele publicou anúncios nos dois principais jornais de Vitória

(25) Como na capa o álbum das Mulheres Que Dizem Sim (veja na foto), em que **ela projeta slides sobre a própria banda**

3.1.8 Transferência com difusão

Entende-se por transferência com difusão aquela em que as ações implicam que o objeto se dissemine ao deslocar-se. Os dados revelaram uso metafórico do verbo “semear”denotando esse tipo de transferência:

(26) Ontem **os avanços rebeldes com bombardeios semearam pânico na capital de Ruanda**, convertida quase em cidade fantasma

3.1.9 Transferência com fixação

Os dois verbos encontrados em CMC denotando transferência com fixação foram “fixar” e “grudar”. Entende-se por “transferência com fixação” o deslocamento realizado com o intuito de fazer com que o objeto se prenda definitivamente ao alvo. Os verbos “grudar” e “fixar” foram encontrados em CMCs apresentando, respectivamente, uso literal e metafórico, conforme os exemplos abaixo:

(27) Quando **você gruda recortes de jornal numa tela**, tem uma colagem

(28) Expositores fixaram preços em URV e real

3.1.10 Transferência com movimento balístico

Ocorre movimento balístico quando está especificado no *frame* do verbo um deslocamento em alta velocidade. Nesse sentido, “lançar”, “arremessar”, “atirar” e “jogar” aparecem denotando esse tipo de transferência dentro da CMC. Todos os verbos apresentaram usos literais nos dados:

(29) A polícia lançou bombas de gás lacrimogêneo no prédio da associação de advogados

(30) Quando o pimpolho tinha só dois anos, **ela arremessava bolinhas de papel no berço**, para que Jimmy as apanhasse no ar

(31) Fã atira garrafa na mulher do jogador

(32) Muitas pessoas jogam lixo no mar

A seção 3.2. se ocupará do detalhamento de “X causa Y a mover-se para/a Z”, nos mesmos moldes apresentados em 3.1.

3.2 Detalhamento de “X causa Y a mover-se para/a Z”

Perfilando a trajetória do esquema imagético de IMPOSIÇÃO, o subesquema “X causa Y a mover-se para/a Z” também permitiu que se estabelecesse um subnível a partir dela, no qual as construções são definidas em função de classes semânticas⁹. À semelhança do que foi descrito em 3.1., nesta seção também serão apresentadas as construções extraídas do banco de dados, distribuídas em grupos denotadores do tipo de transferência realizada pelos verbos inseridos no ambiente construcional de movimento causado.

Pudemos identificar três tipos de transferência: **transferência por condução**, **transferência com movimento balístico** e **transferência por comunicação verbal**.

3.2.1 Transferência por condução

⁹A definição das classes semânticas referentes a esta categoria construcional se deu nos mesmos moldes já descritos em 3.1 para a categoria referente às construções com “em”.

A transferência por condução ocorre quando o objeto chega ao alvo por meio de assistência prestada pelo agente. As CMCs encontradas nesse grupo apresentaram os verbos “trazer”, “conduzir”, “levar” e “enviar”, os quais revelaram, respectivamente, uso literal, metafórico e metonímico (este último uso no caso dos dois últimos exemplos):

(33) Além de relatórios com desenhos sobre tática, **eles trarão vídeos dos jogos para os EUA.**

(34) Devoção conduz homem para a fé.

(35) **Boato leva pessoas à Telesp** atrás de mais formulários para inscrição no plano de expansão em São Paulo

(36) **Os dois clubes enviaram dirigentes ao Rio.**

3.2.2 Transferência com movimento balístico

O verbo “jogar” foi o único verbo inserido em CMCs denotando esse tipo de transferência com preposição “para”. Houve apenas um exemplo, simultaneamente metafórico e metonímico:

(37) Escolas, ônibus e alimentos jogam índice para 3,06%.

Nesse exemplo, há uma escala, e um determinado ponto dela – o ponto 3,06% – é conceptualizado metaforicamente como lugar. Metonimicamente, “Escolas”, “ônibus” e “alimentos” são empregados no lugar dos preços que os representam – e esses preços, por sua vez, são metaforicamente conceptualizados como forças capazes de produzir o movimento (figurativo) de um índice.

3.2.3 Transferência por comunicação verbal

Uma transferência por comunicação verbal ocorre quando o deslocamento é realizado por meio do ato de fala proferido pelo agente, constituindo-se como ato performativo (AUSTIN, 1962). Os verbos “condenar” e “nomear” aparecem denotando usos metafóricos e metonímicos, respectivamente:

(38) Juiz condena cachorro à morte

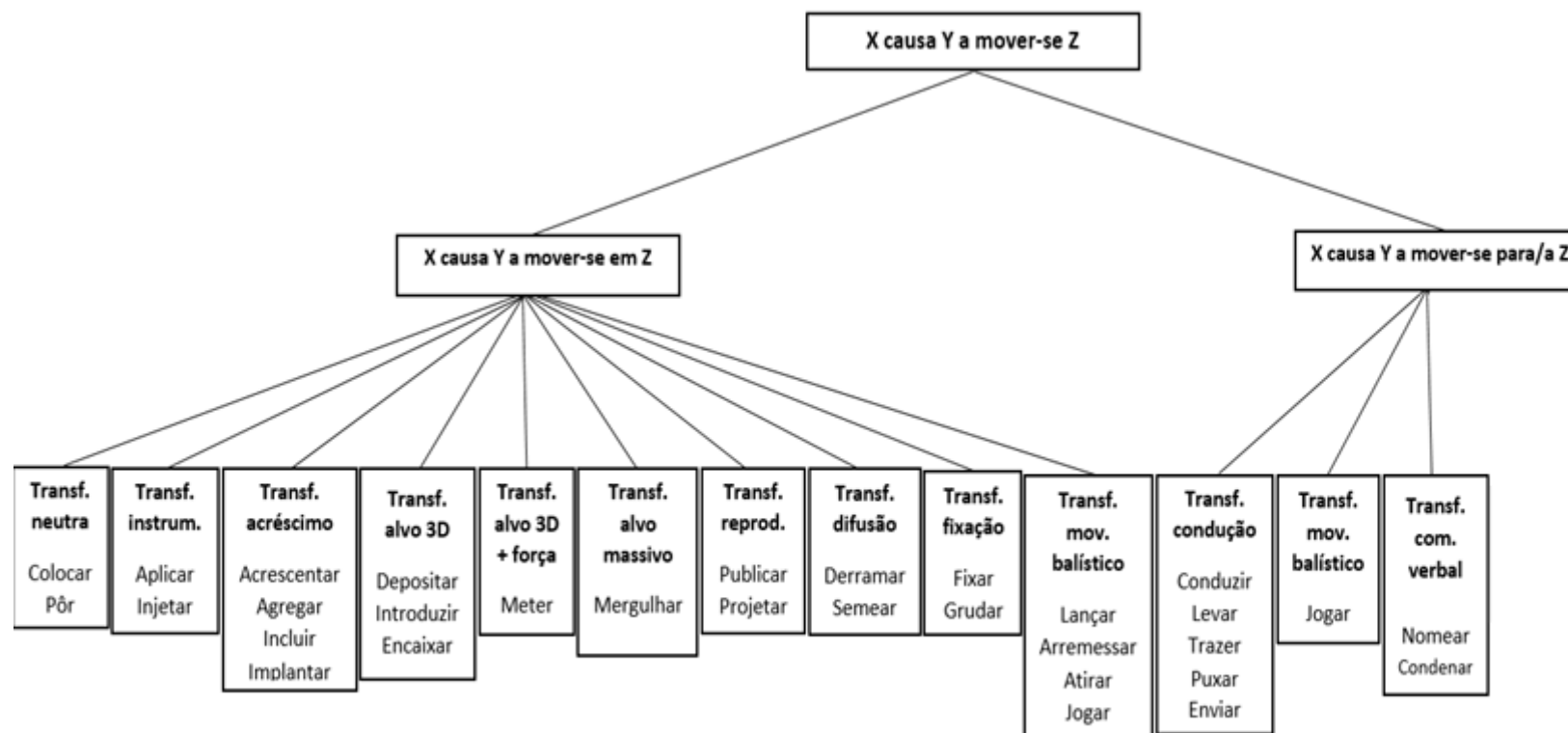
(39) O prefeito nomeou prefeitos para cada região da cidade

3.3 Síntese

A análise mostrou que os 29 verbos inseridos no ambiente construcional de movimento causado no português brasileiro, encontrados no *corpus* NILC/São Carlos, revelaram não só o uso literal da construção, como também usos metonímicos e metafóricos (às vezes, com atuação simultânea dos dois processos).

Os dados também apontaram que o sintagma preposicional pode ser nucleado pelas preposições “em”, “para” e “a”, o que indicou duas construções intermediárias em um mesmo nível de abstração: “X causa Y a mover-se em Z”, com perfilamento do ponto de chegada, e “X causa Y a mover-se para/a Z”, com perfilamento do percurso. Por fim, abaixo de ambos os subesquemas, situam-se as CMCs definidas em função de classes semânticas, conforme apresentado acima. Evidentemente, é razoável assumir que, em um nível ainda mais baixo, encontram-se as construções que especificam verbos particulares (as “verb-specific constructions de Croft (2012)), como SUJ COLOCAR OBJ OB, SUJ INJETAR OBJ OBL, etc. – ou seja, não se trata dos usos concretos (ex.: João colocou o dedo na tomada; O médico aplicou uma injeção no paciente etc.). Estas, porém, não são representadas aqui.

Com base na análise exposta na presente seção, pode-se estabelecer a seguinte rede, que revela um panorama inicial da rede construcional da CMC do português brasileiro:

Figura 2: Rede construcional de movimento causado no PB¹⁰

¹⁰ No nível mais inferior da rede, figuram apenas os verbos que, dentro da sintaxe de movimento causado, efetuam as transferências apontadas. Por questões de espaço, portanto, omitiram-se as construções específicas a cada verbo individual.

Considerações finais

Desde o seu surgimento na década de 80, o paradigma denominado Gramática de Construções vem se expandindo consideravelmente. As pesquisas iniciais na área, originalmente desenvolvidas nos Estados Unidos, hoje se encontram em paralelo com estudos em outras línguas, seja para ampliá-las, seja para complementá-las por meio de abordagens de diferentes objetos de estudo. De modo geral, não se pode negar a importância adquirida por esse paradigma gramatical ao longo dos anos, tão importante para um entendimento complementar da natureza da estrutura conceptual humana e para a compreensão da organização do conhecimento linguístico.

Este artigo centrou-se no estudo da Construção de Movimento Causado do português brasileiro. Em sua moldura sintática, essa construção pode comportar verbos com diferentes valências, os quais, dentro do ambiente de movimento causado, passam a figuras numa configuração estrutural composta por um sujeito, cujo referente que exerce força sobre outra entidade; um objeto direto, cujo referente sofre essa força e, em consequência, desloca-se; e um oblíquo, que vem a ser a manifestação formal do ponto de chegada do deslocamento do referente do objeto. Em se sabendo das características da CMC no inglês, a pesquisa, que não pretendeu ser exaustiva, almejou mostrar seu comportamento no PB.

Em particular, objetivou-se entender a dinâmica das relações entre verbo e CMC na variedade brasileira do português, com base na ideia de uma rede construcional estruturada por links taxonômicos. Não se pretendeu esgotar as possibilidades de combinações verbais com a construção, mas traçar um panorama inicial do comportamento da CMC na língua, porquanto ainda há poucos estudos sobre o assunto. Adotou-se o *corpus* NILC/São Carlos como banco de dados e, a partir dos comandos de busca disponibilizados pelo *corpus*, encontraram-se 29 verbos revelando 101 instâncias da CMC do português brasileiro.

Durante a análise de dados, de natureza qualitativa, mostrou-se que o sintagma preposicional poderia ser nucleado pelas preposições “em”, “para” e “a”. Propusemos que as construções que trazem a primeira preposição perfilam (LANGACKER, 2008) o ponto de chegada, ao passo que as últimas perfilam o percurso, pondo em evidência a trajetória percorrida pelo objeto afetado. O resultado da identificação dessas diferenças formais e semânticas foi a postulação de dois

subesquemas diferentes em um mesmo nível construcional (ambas abaixo da CMC mais geral / abstrata): “X causa Y a mover-se em Z” e “X causa Y a mover-se para/a Z”. Além disso, abaixo de cada um desses subesquemas, encontraram-se construções especificadas em função de classes semânticas verbais, o que coloca em relevo os diferentes tipos de transferência que os verbos podem denotar dentro do ambiente construcional de movimento causado. Além disso, também se evidenciou a existência tanto de usos literais da CMC quanto de usos figurativos (metafóricos, metonímicos ou ambos simultaneamente).

Com este artigo, visamos a contribuir com os primeiros esforços no sentido de apresentar uma descrição da Construção de Movimento Causado do português brasileiro. Através da pesquisa apresentada aqui, esperamos que mais trabalhos acerca do tema possam surgir, aprofundando o entendimento do objeto e, em especial, colaborando para a expansão dos estudos em Gramática de Construções no âmbito do português do Brasil.

Referências

ARAÚJO, P. J. P. Alternância no uso das preposições 'para' e 'em' na fala de comunidades quilombolas: análise sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. *Estudos Linguísticos*, 38, p. 335-346, 2009.

AUSTIN, J. *How to do things with words*. Harvard: Harvard University Press, 1962.

CROFT, W. *Verbs: Aspect and causal structure*. Oxford: OUP, 2012.

FERRARI, L. Construções gramaticais e laços de polissemia: as extensões metafóricas de comunicação verbal. *Revista Linguística*. v. Especial, p. 102-113, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. *DELTA* [online], vol. 33, n.1, p.109-132, 2017.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar. A basic introduction*. Oxford: OUP, 2008.

RIBEIRO, F. S. *A Rede Construcional de Movimento Causado do Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2018.

Recebido em 16/06/2019

Aceito em 23/07/2019